

Administração compartilhada

10

Não basta apenas aprovar uma lei e publicá-la no *Diário Oficial* para criar uma unidade de lazer ou de preservação ambiental que seja conservada e freqüentada pela comunidade. Pelo menos é o que mostra a experiência dos parques que deram certo. Para o governo, o Parque Olhos D'Água é um exemplo bem-sucedido e o modelo deve ser usado para os demais do DF. Encravado entre duas superquadras da Asa Norte, o Olhos D'Água mostra que a comunidade precisa participar de todo o processo que dá origem a um parque.

No Olhos D'Água, há pista de cooper com extensão de 2km, equipamentos de ginástica, chuveiros, playground, além de uma vegetação ampla e bem cuidada. Aos domingos, cerca de 3 mil pessoas passam por ali. De segunda a sexta, o número cai para 1,2 mil. Três vezes por semana, Janete Lima da Mota, 72 anos, faz caminhadas no parque acompanhada da enfermeira dela, Luci Fernandes, 43. "Gosto de vir aqui porque é tranquilo. A gente costuma andar, mas também gosto de ficar sentada, observando o lago", conta.

As caminhadas são feitas duas vezes por dia. De manhã, as duas vão até o Olhos D'Água e, à tarde, caminham pelas ruas do Lago Norte, onde Janete mora. Na cidade, há três parques criados, mas nenhum saiu do papel. O Parque de Uso Múltiplo do Lago Norte começou a ser implementado, mas está incompleto. Três mil mudas de árvores foram plantadas no local e até o final do ano deverão ser construídas as ciclovias e trilhas. "A gente caminha

na rua e tem de conviver com o barulho dos carros. O Lago Norte é cheio de idosos. Quantos não gostariam de ter contato com uma natureza maravilhosa dessa", comenta Luci.

Comunidade

O administrador do Parque Olhos D'Água, Ezequias Vasconcelos, credita o sucesso da unidade à participação da comunidade. Ele lembra que os moradores vizinhos ao local participam da gestão do parque desde que ele foi criado por uma lei em 1993. "Todas as decisões tomadas são em conjunto com a comunidade. Há um ano, decidimos que não poderia fumar aqui dentro e, em um plebiscito, a população decidiu que bicicletas não poderiam circular no parque", diz Ezequias.

Uma maior interatividade com os moradores próximos ao local pode ser uma saída para o Parque Ecológico Sá-buro Onoyama, em Taguatinga. A unidade foi criada em

1996 e até junho de 2006 estava completamente abandonada. A área era invadida por mendigos, que usavam drogas no parque e intimidavam os freqüentadores. Há quase dois anos, a área foi cercada e reformada. Mas a piscina está desativada desde então. O mato está alto e algumas calçadas quebradas.

"Esse parque é muito importante para a comunidade, mas poderia estar mais bem cuidado. A piscina faz falta", afirma a professora Elizabeth Banks, 34 anos, que dá aula para alunos da Escola Classe 10, vizinha ao parque, que freqüentemente usam as instalações do parque. O administrador do parque, José Fernando Rodrigues, pede mais investimentos e ajuda dos moradores. "Com o pouco recurso que temos, já fizemos muito. Mas a população também precisa se conscientizar e deixar de jogar lixo e entulho na área. Eu limpo tudo hoje e amanhã já está sujo de novo", reclama.